



# Preciso de VOCÊ

A ERA CIBERNÉTICA TRANSFORMOU A SOCIEDADE MODERNA, MAS, PARADOXALMENTE, AO CONTRÁRIO DO QUE PARECE, NA ERA VIRTUAL, A PRESENÇA FÍSICA DO OUTRO É AINDA MAIS FUNDAMENTAL

A jornalista me pergunta impressionada a razão de novas pesquisas constatarem que, contrariamente ao que muitos esperavam, o povo da internet cada vez mais associa seus passeios na rede com a necessidade de estar junto. Esse fato relativiza as críticas morais que bradam ameaçadores avisos anunciando que o mundo estaria perdido, pois a *WWW* (*World Wide Web*) seria uma teia perigosíssima que estaria aprisionando nossa pobre juventude, em um isolacionismo narcisista e emburrecedor.

Essa notícia chega ao mesmo tempo em que o papa se precipita em condenar um aplicativo para *smart-phones*, por meio do qual o fiel antenado se confessaria *on-line*, sem a necessidade de se ajoelhar na madeira dura de um confessorário escurecido por muitos pecados ali penitenciados. Ao menos dessa vez, ufa!, o papa mostrou que “tá ligado”, pois a *web* não substitui a presença física.

Na mesma vertente, podemos falar da repetitiva pergunta se é possível fazer análise por *Skype*, ou serviço semelhante, sem ter de se preocupar com o terrível trânsito das grandes cidades, bem como se garantir em ter seu análise à mão, ou melhor, na tela, entre um mergulho e outro, em uma ilha paradisíaca, do outro lado do mundo.

Não dá. Há um quê na presença física que é insubstituível. E se dizemos “um quê” é exatamente pelo fato de não podermos precisar o que é isso da presença

física que não sabemos traduzir em nenhum idioma e por nenhum meio, razão pela qual não a podemos substituir, pois, como celebrou Michel Foucault: “a palavra é a morte da coisa”; se falamos de algo, substituímos o algo pela palavra e não precisamos mais dele.

Em um mundo que quebrou os paradigmas cartesianos de espaço e tempo, jogando-nos no furacão do ilimitado sem fronteiras, não há nada a estranhar na necessidade da presença física do outro, do corpo do outro, do seu enigma, do cheiro, cor, som, movimento,

do ao lado do local da festa, trocou o conforto de seu quarto por uma tendinha de campanha, verdadeiro elogio do desconforto.

A presença do outro nos remete ao mais essencial de nós mesmos. Se fôssemos honestos, parodiando Vinícius, jamais diríamos expressões do gênero: “no meu íntimo”. E isso porque o que nos escapa é exatamente o nosso íntimo. Diríamos, melhor, como Lacan: “no meu êntimo”, sim, porque o meu íntimo me é tão estranho – quem já passou por uma análise sabe bem o que estou

**PODEMOS NOS LIVRAR DE MUITA COISA NA VIDA, MAS NÃO DA GENTE MESMO, EM ESPECIAL DESSE PONTO ÍNTIMO DESCONHECIDO, PROMOTOR DE NOSSAS PAIXÕES, ESSA FORÇA ESTRANHA VIVIDA NA SENSACÃO DO “MAIS FORTE QUE EU”**

textura, olhar, que não sabemos traduzir em *bytes*. Esse enigma do outro é o remédio para a angústia tão atual, por nos termos visto transformar em habitantes de lugar nenhum.

Seis mil moças e moços *geeks* se acotovelaram por uma semana, em São Paulo, em uma festa chamada Campus Party. Seis mil! Em um pavilhão de exposições. É tão importante estarem juntos, que um nipo-brasileiro, moran-

descrevendo – que melhor chamá-lo de êntimo, clara alusão ao estranho e ao externo de si mesmo, que habita cada um.


Podemos nos livrar de muita coisa na vida, mas não da gente mesmo, em especial desse ponto íntimo desconhecido, promotor de nossas paixões, essa força estranha vivida na sensação do “mais forte que eu”. A presença física do amigo, do amado, do familiar, do próximo, nos reconecta com esse ponto



fundamental, âncora de nossas existências, ponto transcendente de nossa imanência, se quisermos nos valer do discurso da Academia.

Nesse mundo de aparente “tudo pode”, e de “em tudo estou”, não por isso devemos nos assustar que ao lado do aumento dos acessos aos meios virtuais, vejamos crescer em paralelo os lugares de encontro físico, sejam eles *campus parties*, igrejas, consultórios, ba-

res, cruzeiros. Os motivos são variados e o que neles se realiza, também, mas a necessidade é uma só: estar junto. Na era da pós-modernidade, onde o laço social das identificações é predomina-

mente horizontal, nos damos conta que o principal afeto, o mais fundamental afeto, é o da amizade. Cada pessoa precisa de alguém que a ajude a chamar o seu êxtimo, de meu íntimo. 

Jorge Forbes é psicanalista e médico psiquiatra. É Analista Membro da Escola Brasileira de Psicanálise (A.M.E.), preside o IPLA - Instituto da Psicanálise Lacaniana - e dirige a Clínica de Psicanálise do Centro do Genoma Humano da USP.

[www.jorgeforbes.com.br](http://www.jorgeforbes.com.br)

